



## RESENHA

# ALBRIGHT, MADELEINE KORBEL; WOODWARD, BILL. FASCISMO: UM ALERTA. TRAD. JAIME BIAGGIO. SÃO PAULO: PLANETA, 2018.

*Antonio Alves de Vasconcelos Filho<sup>1</sup>*

**M**adeleine Albright é uma norte-americana (com origens na antiga Tchecoslováquia), professora universitária em Georgetown, e importante voz representante do Partido Democrata americano. Durante a presidência de Bill Clinton, exerceu a função de Secretária de Estado, experiências essas que permeiam boa parte de seus apontamentos e reflexões na obra.

Em seu último livro, "Fascismo: Um alerta", Albright utiliza-se de suas memórias, seja como criança enquanto refugiada, ou já na sua vida adulta como integrante do governo Clinton, em meio a encontros com alguns líderes que classifica como autoritários, bem como em sua experiência como professora, para construir suas considerações acerca do que ela classifica como fascismo e seu perigo. Isto em coautoria ao seu parceiro de longa data Bill Woodward, reconhecido por seu trabalho como redator de discursos oficiais e detentor de longa trajetória como conselheiro em campanhas políticas.

A obra pode ser dividida em três insights: o primeiro, uma análise do fascismo a partir de suas reflexões em conjunto à sua turma de Georgetown, levando ainda em conta o contexto histórico da ascensão do fascismo e nazismo na Itália e Alemanha, respectivamente. Na segunda parte, as considerações acerca de líderes autoritários, sua relação ou não com a herança fascista, acepções advindas da geopolítica destes países, inclusive até relatos de breves encontros de Albright com esses líderes. Finalmente, uma última reflexão dedicada ao presidente norte-americano, seu significado para a democracia estadunidense e as implicações de sua governança.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: antonioalvesvf@outlook.com.

A rigor, esta obra best seller do New York Times à época de lançamento, possui uma linguagem simples, destinada ao grande público e que pode servir bem como introdução as noções básicas sobre o fenômeno fascista. Porém, há limitações conceituais dentro de sua própria narrativa, escolha esta que parece ser consciente, baseada na preferência da autora em utilizar-se de sua experiência prática, sendo o tema fascismo, pano de fundo para considerações e alertas acerca de Donald Trump e outros líderes mundiais.

O termo, a utilização, e o estudo do fascismo voltaram à moda. Essa constatação feita pela autora se sustenta na medida em que percebemos a quantidade de obras lançadas e relançadas sobre a temática. Este fenômeno no mercado editorial pode ser percebido desde o estopim nos EUA deste processo de crise institucional e democrática experimentados por diversos países, um exemplo desse fenômeno foi a liderança nos livros mais vendidos nos EUA do título distópico 1984 após a posse de Donald Trump (Altares, 2017). A obra de Orwell narra a vivência de um indivíduo em meio a um Estado Totalitário.

Fascismo: Um Alerta, não é apenas mais um livro sobre o nazifascismo por si. Precipuamente, o livro tem por objetivo alertar contra os riscos que enfrentam democracias, agora açodadas por autocratas e/ou por uma onda de extrema-direita que encontra seu ápice com a eleição em 2016 de Donald Trump nos Estados Unidos.

Logo ao início da obra, a autora chama atenção para o perigo da banalização do conceito do fascismo como instrumento do discurso político (Albright, 2018, p.15), esse aviso, entretanto, não é novidade. Em 1944, em ensaio sobre o tema, George Orwell já apontava esse problema, exortando que: "tudo que se pode fazer no momento é usar a palavra (fascismo) com certa medida de circunspeção e não, como usualmente se faz, degradá-la ao nível de um palavrão" (Orwell, 2017, p. 89). De lá pra cá, como podemos perceber pelo alerta reiterado, pouca coisa mudou.

Albright proporciona uma reflexão sobre o fascismo partindo do contexto histórico anterior a Segunda Guerra Mundial. Ela observa que "talvez o fascismo deva ser visto menos como ideologia política e mais como forma de se tomar e controlar o poder" (Albright, 2018, p.17), buscando assim uma análise dos mecanismos utilizados por autocratas na dinâmica intrínseca do poder, exemplificados na ascensão de Mussolini e Hitler.

Há uma busca em identificar características comuns para conceituar o que seria um fascista. Utilizando-se das reflexões a partir da sua visão de uma ex-diplomata, Albright define o que seria um fascista, em sua visão:

um fascista é alguém com profunda identificação com um determinado grupo ou nação em cujo nome se predispõe a falar, que não dá a mínima para os direitos de outros e está disposto a usar os meios que forem necessários - inclusive a violência - para atingir suas metas. (Albright, 2018, p.19)

A própria autora reconhece que o conceito parte de sua análise do campo prático, e que não é sua intenção trabalhar com os mais diversos termos técnicos e acadêmicos correspondentes ao estudo do tema de forma exaustiva. Ao que se

propõe, o faz com exatidão, inclusive na contextualização histórica da escalada do fascismo.

Já uma leitura contemporânea que difere do objetivo de Albright e é mais centrada em analisar as políticas fascistas e seus mecanismos de atuação é a de Jason Stanley, que se apresenta ao debate de forma a identificar dez caracteres fundamentais da atuação do fascismo (Stanley, 2019), contribuindo de forma substancial para uma diferente abordagem sobre o tema.

O fascismo pode ser compreendido como um fenômeno histórico restrito aquela situação específica do século XX, ou ser compreendido como um conceito que pode ser reproduzido e adaptável em diferentes perspectivas e modelos. O mesmo pode ser representado em um líder, um governo, um regime, um movimento, com diversas acepções.

Neste sentido, o Ur-Fascismo, ou fascismo eterno, como expõe Umberto Eco, ainda está ao nosso redor (Eco, 2020). Resta claro pela proposta e abordagem do livro que a ex-diplomata também considera esta possibilidade de retorno ou atuação do fascismo hodiernamente.

Por diversos capítulos, em *Fascismo: Um alerta*, as experiências pessoais de Albright são abordadas em conjunto a sua atuação profissional. O livro é permeado de relatos sobre alguns dos principais líderes contemporâneos, concomitantemente, com a descrição política do seu respectivo país.

São nomes comuns na escrita: Mussolini, Hitler, Kim Il-sung, Kim Jon-um, Trump, Putin, Erdogan, Orbán, Chávez, Maduro e Ortega. Todos que à sua maneira específica apresentam determinado e diferenciado níveis de extremismo, segundo a constatação realizada pela autora. Dentre os líderes contemporâneos, os autores citam como único exemplo verdadeiramente fascista Kim Jon-Um (Albright, 2018, p. 248), afirmação essa no mínimo problemática, visto que não há um aprofundamento metodológico neste quesito.

Não é segredo algum que a democracia liberal encontra-se em xeque, dentre outros fatores, devido as chamadas fake news. Essas são utilizadas para deturpação do poder nas mãos daqueles que são mais hábeis em seu manuseamento, nos diz Albright: "A maioria de nós vivenciou o período em que o spam ameaçou destruir o e-mail. Hoje, a democracia é enfraquecida por mentiras que surgem em ondas e nos martelam os sentidos do mesmo jeito que a maré invade uma praia" (Albright, 2018, p.121). A mentira reforça a confiança de grupos autoritários em suas crenças ideológicas e discriminatórias.

Conquanto, a fé inabalável no sistema capitalista também está presente em discreta passagem: "O capitalismo é visto como um palavrão por um número cada vez maior de pessoas que - não fosse pelos seus frutos - não teria comida, abrigo, roupas ou smartphones" (Albright, 2018, p.121). As origens burocráticas da autora restam evidentes a esta altura, mas um leitor desavisado pode aceitar o ideário exposto e não problematizar a base do que forma o capitalismo e suas crises.

Por diversas passagens é reforçada a narrativa romantizada típica da política e cultura estadunidense de que os EUA são, no ambiente internacional, guardiões da

liberdade e democracia. Hipótese essa que não se sustenta diante de fatos históricos em conexão ao imperialismo estadunidense, como demonstrado através de documentos oficiais e análise crítica na obra 'Banhos de Sangue' (Chomsky e Herman, 1976).

Ainda nesse sentido, situando a Guerra Fria, é colocado que: "A diferença crucial é que o Ocidente apoiava a causa da democracia sempre que podia enquanto os comunistas a condenavam como truque burguês" (Albright e Woodward, 2018, p.160). Afirmativa essa que não perpassa um teste de verificação histórico, em vistas a formação das ditaduras militares na América Latina, amplamente estimuladas e apoiadas pelos EUA.

Tratando sobre as crises que atravessam as mais diversas democracias atualmente, a autora também descreve o que seria a Democracia Iliberal, aventada por Orbán na Hungria, essa uma forma sofisticada de corrosão democrática realizada por dentro: "A democracia iliberal estaria centrada nas supostas necessidades da comunidade, e não nos direitos inalienáveis do indivíduo. Seria democrática por respeitar a vontade da maioria; e iliberal por ignorar os interesses das minorias" (Albright e Woodward, 2018, p.176).

No ideário defendido por Orbán a opinião majoritária encontra seu correspondente no programa de seu próprio movimento, havendo uma perfeita sinergia entre povo e partido. Difícil não remeter as tradições fascistas de Mussolini de cunho iliberais.

Destarte, assim como no início do livro, ao final, as atenções são voltadas aos Estados Unidos sob o comando de Donald Trump. Albright descreve que a escrita e realização do livro era um chamado para o fortalecimento da democracia no primeiro governo de Hillary Clinton. Com a vitória de Trump, a necessidade de se falar sobre a temática foi substancialmente majorada.

A autora reserva severas críticas a atuação de Donald Trump em relação aos ataques destinados a imprensa, chegando a afirmar que: "isso é um presente para os ditadores, o que, vindo de um chefe de Estado americano, é uma vergonha" (Albright e Woodward, 2018, p. 213). Devido a sua cumplicidade com comportamentos extremistas no âmbito interno e sua tolerância e estímulos a líderes autocráticos.

Ao final, Albright traz uma série de questionamentos que auxiliam na definição da natureza democrática ou não daquele candidato ou líder escolhido. Um pequeno teste lógico que seria capaz de tranquilizar ou nos lançar um aviso de alerta para a ameaça que se avizinha.

Em suma, o livro detém uma série de importantes observações advindas do establishment da política norte-americana, sendo muito significativo que deste lugar advenha uma reflexão sobre o perigo do fascismo para a democracia. Possuindo uma linguagem acessível pode despertar o interesse e chamar atenção para a temática proposta, mesmo que por vezes o tema fascismo seja secundário ao desenvolver da leitura. Apesar das limitações apontadas, muitas delas inerentes ao reconhecido e notório posicionamento político da autora da obra, é um livro que contribui ao debate que está posto e precisa ser realizado.

## Referências

- ALBRIGHT, Madeleine Korbelt; WOODWARD, Bill. Fascismo: um alerta. Trad. Jaime Biaggio. São Paulo: Planeta, 2018.
- ALTARES, Guillermo. '1984' lidera as vendas de livros nos EUA desde a posse de Trump. Acesso: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/26/cultura/1485423697\\_413624.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/26/cultura/1485423697_413624.html) Acessado em: 20/09/2020
- CHOMSKY, Noam e HERMAN, E. Banhos de Sangue. Trad. Maria do Carmo Pizarro. São Paulo: Difel, 1976.
- ECO, Umberto. O fascismo eterno. Trad. Eliana Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- ORWELL, George. O que é fascismo? E outros ensaios. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.
- STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles". Trad. Bruno Alexander. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.



*Recebido em dezembro de 2020*

*Aceito para publicação em janeiro de 2021*